O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO — VOLUME VII — N.º 214

1 DE DEZEMBRO 1884

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Foi um mez terrivel, o que passou: o mez dos escriptos e da renda das casas.

E de anno para anno mais terrivel vae sendo.

Francamente não calculamos bem onde isto irá dar comsigo.

O povo tem uma phrase feita com que se lamenta dos exageros do preço das casas, phrase que acompanha sempre como um estribilho triste, o desapertar dos cordões da magra bolsa: — Os senhorios não alugam as casas, vendem-n'as.

E isto não é um desabafo banal, é uma verdade profunda.

Pelo preço porque hoje se aluga por um anno um reles terceiro andar na baixa, comprava-se, ainda não vae longe o tempo, um predio inteiro.

Olhem — isto sabemos nós authenticamente — ha coisa de trinta annos comprou-se ás Amoreiras uma casa apalaçada, rez-do-chão, primeiro andar, agua-furtadas, uma serie enorme de barracas, grande quintal com agua nativa por... um conto de réis

Hoje um conto de réis é o aluguer annual de qualquer loja do Chiado ou de qualquer primeiro andar com um saguão ajardinado.

É espantoso, é extraordinario, mas é assim mesmo.

Todos os dias se fazem edificações novas, arranjam-se bairros, alastra-se a cidade, e entretanto o preço das casas sobe, cada vez mais.

Nós ha muitos annos que, n'estes terriveis dias 25, só tinhamos a dôr de depositar um par de libras nas mãos do nosso senhorio: esse labutar enorme, esse trabalho massador de procurar casas, desconheciamol-o quasi completamente.

Este anno abrimos excepção: procurámos tambem casa, e soubemos então pela grande mestra — a experiencia, o que vae por essa Lisboa ácerca de casas, de senhorios, e de agencias.

Porque o mal das casas agravou-se com essa doença terrivel que se chama agencia.

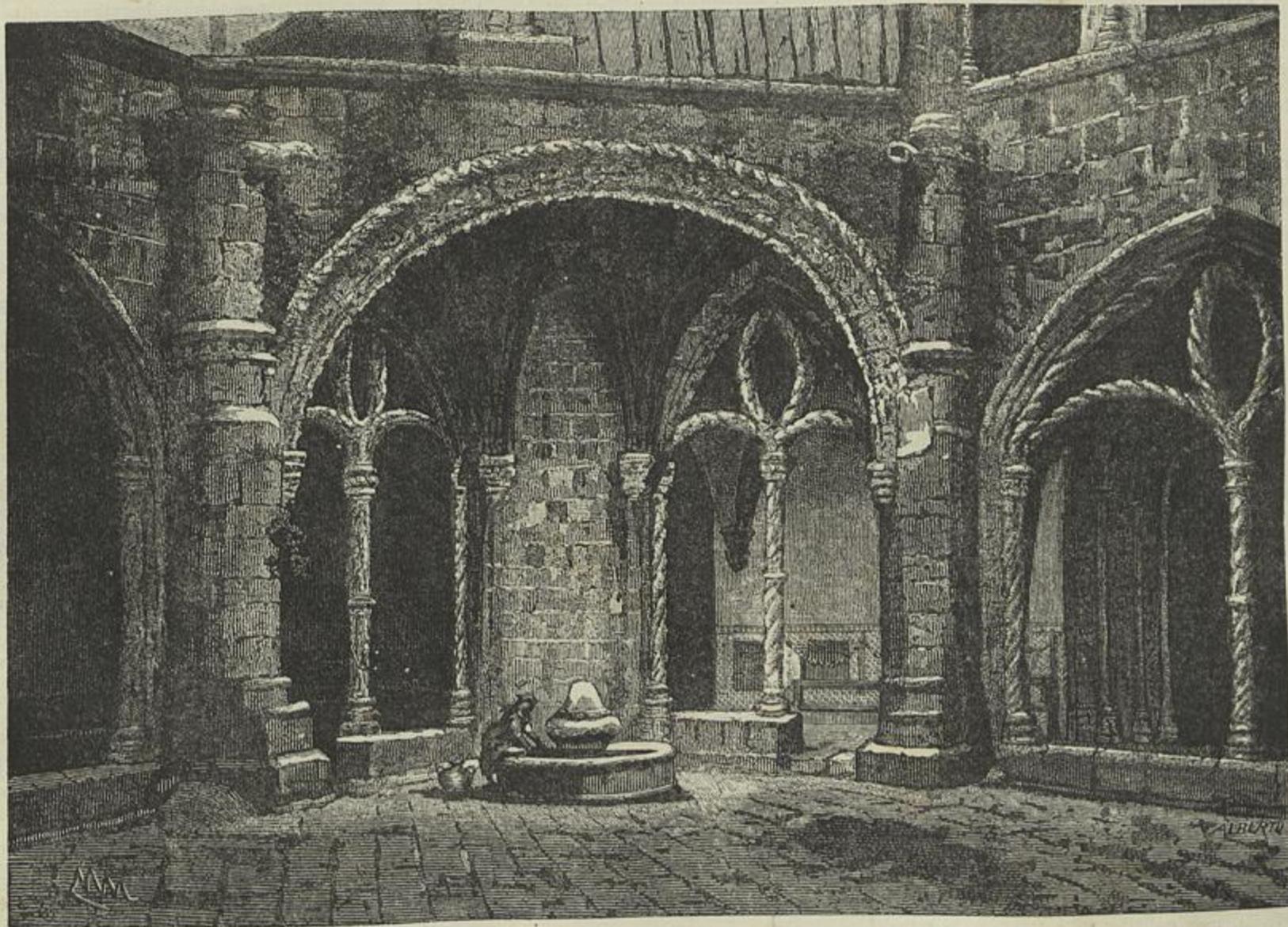
Não sei se sabem bem o que vem a ser isto de agencia de casas.

Podia e devia ser uma coisa muito boa, de grande vantagem para inquilinos e para senhorios e para os agentes.

Por emquanto é apenas de vantagem para estes ultimos.

Ora nós comprehendiamos, e applaudiamos mesmo, uma agencia de aluguer de casas montada em grande, a valer, como qualquer agencia séria.

Era um negocio como qualquer outro, um negocio de que poderia resultar interesse para todos.

Uma agencia bem organisada, que conseguisse ter sempre ás ordens dos seus clientes uma lista quasi completa das casas vagas ou a vagar, que

COIMBRA — CLAUSTRO DO SILENCIO, NO CONVENTO DE SANTA CRUZ (Segundo uma photographia de Santos)

evitasse assim a quem procura casas o correr séca e méca, de cabeça levantada para as janellas á espera de avistar escriptos, e a quem as aluga ter durante semanas e semanas a casa exposta ao publico, fazia um bom serviço a todos, e tiraria interesses, pois valia bem a pena pagar uma commissão para se furtar a esses incommodos.

Mas o que falta são essas agencias bem montadas, ou, se não faltam, nós não tivemos a sorte de as conhecer.

As agencias de casas são uma ratoeira armada ás *filiações*.

Não sabem o que vem a ser isto de filiações? Pois nós lh'o dizemos. Filiações, em linguagem d'agencia é um sugeito dar cinco tostões para ter a regalia de visitar todas as casas de que a agencia dispõe para alugar. Dão-se os cinco tostões, a agencia patenteia então a sua lista, e o filiado tem o direito de ver as casas que estão com escriptos e que elle já tem visto.

E' verdade que antes de se ser filiado a agencia diz-lhe onde são essas casas, diz-lhe por alto, já se sabe, porque a rua e o numero da porta são o seu segredo, o tal que para se saber custa cinco tostões.

Essas indicações são a coisa mais engraçada do mundo inteiro.

Por exemplo: uma casa ao Rocio.

Sabem o que isto quer dizer? Uma casa nas escadinhas da Barroca, na rua dos Vinagres, na rua dos Gallegos, etc. Tudo isto para a agencia se resume na casa ao Rocio.

Casa á praça do Principe Real? E' uma casa na rua da Vinha ou na rua do Loureiro, ou na travessa da Cruz de Soure.

Os resultados são os seguintes.

Um sugeito quer uma casa?

Dirige-se a uma agencia que annuncia em todas as folhas, e diz as condições em que precisa da casa.

— Tenho uma que lhe deve convir.

— Onde?

— A Patriarchal.

— Bello sitio! pensa o pretendente. Que numero é!

— Para isso é preciso V. Ex.ª filiar-se.

— Quanto custa?

— Cinco tostões.

— Prompto, aqui estão os cinco tostões. Agora onde é a casa?

— E' na rua do Loureiro.

— Na rua do Loureiro; mas então não me disse que era á Patriarchal?

— E' sim senhor; da rua do Loureiro á Patriarchal, são cinco minutos de caminho.

E os cinco tostões foram-se e a casa não vem.

Depois da filiação ha ainda, no caso de se fazer arrendamento, de pagar á agencia uma prestação qualquer sobre a renda do primeiro anno, o que no fim de tudo é justo e racional.

Mas ha agencias, e encontrámos uma d'essas, onde não se paga filiação, mas onde se exige o deposito da percentagem sobre a renda provavel da casa que se pretende.

— A que preço quer a casa? perguntaram-nos.

— Eu sei lá, duzentos, duzentos e cincoenta, trezentos, uma casa rasoavel.

— Perfeitamente, então tem a bondade de depositar duas libras na agencia.

— Duas libras?

— Sim, é a percentagem sobre a renda.

— Mas se eu ainda não tenho casa.

— Quer até trezentos mil réis não é assim? A percentagem é de 3 por cento sobre a renda do primeiro anno. Deposita por tanto nove mil réis, se a renda fôr mais, paga a differença, se fôr menos, restituimos-lhe nós o que fôr.

— E se não achar casa alguma que me convenha?

— Restituimos-lhe as duas libras.

Comprehendem bem que não demos as duas libras, mas ficámos conhecendo mais uma d'essas agencias improvisadas que vieram aggravar a situação triste de quem precisa mudar-se actualmente em Lisboa, e que são um perigo serio para os ingenuos e incautos.

Bem avisados andamos nós quando ha dez dias saudámos com applausos a nomeação do sr. conselheiro Peito de Carvalho para o logar de governador civil de Lisboa.

O sr. Peito de Carvalho não tardou em dar plena rasão aos nossos applausos.

Tomando a direcção do districto de Lisboa, começou logo por mostrar o seu zelo, a sua actividade, a sua perfeita comprehensão das necessidades do serviço, não pondo-se em evidencia imbecil por destemperos grotescos, ou patacuadas ridiculas, mas trabalhando e trabalhando seriamente no melhoramento dos diversos ramos de serviço sob a sua direcção.

Uma das primeiras coisas de que s. ex.ª tratou, reconhecendo-lhe assim a urgencia, como nós ha muito tempo e aqui mesmo temos clamado, foi da reforma e augmento do corpo de policia civil, a chave de segurança do districto.

Começou por cortar abusos velhos, desleixos que tinham já fóros de legalidade pelo direito consuetudinario, e por pôr no são todas as irregularidades existentes, e depois tratou e obteve um augmento senão tão grande como era necessario, mas relativamente consideravel no pessoal da policia civil.

E não se contentou só com isso, pensou e trabalhou e está trabalhando ainda — que a coisa não é tão facil que se obtenha d'um momento para o outro — em civilisar a policia civil, em a instruir, em a educar, em tornal-a uma instituição util, séria, digna, em aproximal a quanto possivel do ideal de policia de segurança, que alguns paizes tem a felicidade de realisar e de que nós andavamos muito longe.

Os resultados salutares do trabalho do novo governador civil, começam já a sentir-se.

Apesar de não se ter realisado ainda o augmento de pessoal, bastaram as providencias tomadas contra os abusos que já faziam lei, para que se veja mais policia pelas ruas, para que o serviço seja muito mais bem feito do que o era até aqui.

Depois o sr. governador civil olhou tambem para a policia secreta, e d'esse olhar resultaram medidas muito sensatas, muito justas, muito urgentes, que de ha muito se deviam ter tomado.

Folgamos sinceramente com o cuidado e zelo com que o sr. Peito de Carvalho está tratando de melhorar e reorganisar o serviço de policia.

Esse serviço era uma das maiores vergonhas de Lisboa, e a sua reforma é já por si titulo bastante á gratidão e applauso de todos os lisboetas.

A vida theatral de Lisboa continua frouxa e anemica. As empresas coitadas não teem a culpa: fazem todo o seu possivel para variar os espectaculos e para acertarem com o *successo;* o publico é que se retrae, é que frequenta pouco o theatro, reservando todos os seus momentos e todos os seus tostões para os cavallinhos.

De gustos non hay nadie escrito, dizem os hespanhoes: nós não discutimos os gostos do publico, entretanto lamentamos profundamente por elle que prefere um palhaço ao *Ruy Blas,* e um elephante á sr.ª Zina Dalti.

Porque a falta de animação theatral estendeu-se até S. Carlos: os espectaculos alli correm insipidos, sensaborões, parece que não estamos já n'essa Lisboa que fazia de S. Carlos a sua questão vital, a sua preoccupação dominante: e se é verdade que a companhia até agora apresentada ao publico não é extraordinaria, tem todavia artistas de notavel merito como a Zina Dalti, a Novelli, o Devoyod, o Guillen, Nannetti.

Vamos a ver se a Sembrich, a celebre Sembrich consegue insufflar vida aquelle publico, outr'ora tão ruidoso e hoje tão pacato. Oxalá! porque a estação theatral está d'uma sensaboria como nunca vimos nenhuma nos nossos trinta e quatro annos de vida.

E não era preciso ser grande propheta para adivinhar esse retraemento da parte do publico desde o momento em que a Judic não enriqueceu os seus empresarios.

De novo voltam a esmorecer as preoccupações ácerca do cholera. As attenções por muitos dias fixas em Paris começam a cansar-se.

Toledo é que ainda assim entretem e assusta mais o animo dos lisboetas, mas como o espirito humano é essencialmente voluvel e o cholera não dá de si, graças a Deus, o lisboeta agora pensa no Zaire.

Pois não lhe gabamos o gosto.

Sabem perfeitamente que o Zaire é uma questão de alta importancia para nós, mas sabemos que a par de ser questão de primeira ordem é tambem de primeira ordem a massada que elle nos préga, e por isso expulsamol-o da chronica.

Mas sejamos verdadeiros: expulsamol-a não por ser uma massada.

E' porque não temos mais espaço.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

CLAUSTRO DO SILENCIO

No convento de Santa Cruz, em Coimbra

A historia d'este monumento nacional, coevo da fundação da monarchia e depois reedificado e ampliado por el-rei D. Manuel, é bem conhecida e anda escripta em muitas publicações, para que aqui a repitamos.

O claustro do Silencio, que faz o assumpto da nossa gravura, é uma das muitas bellezas architectonicas que se admiram n'aquelle vetusto monumento da piedade das gerações que passaram. Foi mandado fazer por el-rei D. Manuel quando reedificou a egreja e fez novas construcções no convento.

E' dos typos mais perfeitos da architectura que tomou o nome de Manuelina, e que aquelle monarcha deixou disseminada por todo o paiz. Esta e outras obras demonstram a grande riqueza que então assoberbava Portugal, riqueza que vinha da India e outros pontos que os portuguezes tinham descoberto, converter-se n'esses soberbos monumentos de pedra, que deviam falar á posteridade das glorias de Portugal e dos seus erros tambem.

E espaçoso este claustro e de cada um dos seus lados abrem-se cinco arcos em ogiva, divididos a meio por um colonello que a dois terços de altura se ramifica em duas voltas e um olhal. Ao centro do claustro ha uma fonte muito elegante de tres bacias e repuxo, e a dois dos cantos do claustro outras duas fontes mais pequenas e mais simples, como se vê na gravura que desenha um dos angulos do claustro.

Por sobre os arcos corre uma galeria aberta em pequenos arcos do mesmo estylo architectonico, e é d'esta galeria que se passa ao *Santuario* uma das coisas mais notaveis que ha para ver no convento.

CONDEIXA

Em o volume IV do OCCIDENTE a paginas 27 nos referimos a esta formosa villa da Beira Baixa, e d'ella contámos o que de mais notavel ha na sua pequena historia.

Publicámos então a estampa de uma cascata natural que alli se encontra e especialisámos as bellezas naturaes que distinguem Condeixa.

A paizagem que hoje publicamos é a affirmação mais positiva do que dissemos, pois é na verdade um quadro perfeito em que a natureza presta ao artista, que a saiba aproveitar, todas as linhas de composição que a arte exige.

Essas linhas foram admiravelmente aproveitadas pelo ex.mo sr. Carlos Relvas na photographia com que obsequiosamente nos brindou e que nós hoje temos a satisfação de reproduzir, por meio da gravura, nas paginas do OCCIDENTE.

JOÃO CINISELLI

Quando em o n.º 206 do presente volume publicámos as gravuras representando o monumento levantado ao general Marquez de Sá da Bandeira, tivemos o proposito de juntar ás estampas d'esse monumento o retrato do seu auctor, o distincto esculptor italiano João Ciniselli, mas não podemos realisar n'essa occasião o nosso proposito por falta de original para o referido retrato.

Hoje, porém, graças á amabilidade do Ex.mo Sr. Duque de Palmella, que poude obter da familia do desditoso artista o retrato que desejavamos e que muito obsequiosamente nos prestou, podemos apresentar aos nossos leitores o retrato do auctor d'aquella obra d'arte e consagrarmos-lhe nas paginas do OCCIDENTE algumas breves linhas que digam quem é esse artista italiano que ligou o seu nome a um monumento levantado a um heroe portuguez.

No livro do Ex.mo Sr. Conselheiro Barros Gomes intitulado *O Monumento do General Marquez de Sá da Bandeira*, etc., encontramos a biographia do artista, e aqui pedimos venia ao seu auctor para o transcrever.

«Nasceu este artista em Novate, provincia de Milão, no anno de 1832. Aos 15 annos frequentára a Academia de Bellas Artes no palacio Brera, e ali aprendeu o desenho com os professores Sogni, Sabatelli e Ayez, e a esculptura entre outros com o afamado professor Antonio Galli. Não se poupava este a fadigas no intento de amestrar o discipulo no cinzelamento do marmore, e tal era a sua satisfação ao presencear as manifestações sempre mais claras do talento e intuição artistica de Ciniselli que resolveu chamal-o para junto de si, conservando-o em sua companhia até ao momento da partida do moço esculptor para a cidade eterna.

«Em Roma trabalhou Ciniselli, por muitos annos, nas officinas de Bossetti, até que concluidos os seus estudos, se estabeleceu em 1860 em officina propria, onde assignalou com a creação de successivos primores, o fructo colhido na aprendizagem com os grandes mestres acima referidos.

«Foram numerosissimos os bustos por elle esculpidos, notaveis pela similhança e perfeição ar-

tistica: citaremos entre outros os da princeza Ruspoli, da familia Richart de Boston, e do maestro Verdi, este ultimo cheio de vida e animação.

«São particularmente dignas de menção entre as suas obras, o grupo em marmore representando em corpo inteiro os tres filhos de Sir MacDonald; a estatueta intitulada *Astuzie di Amore;* outra symbolisando a infancia; um grupo graciosissimo intitulado *Fra due litiganti il terzo goda,* figurando a briga entre dois amores, para saber qual apagaria primeiro os ardores da sêde nas aguas de uma fonte crystalina, em que um terceiro, aproveitando a forçada distracção dos dois companheiros, banha tranquillamente a concha que, mais cedo do que ninguem, levará aos labios.

«Em genero mais alevantado devem-se, entre outras muitas, ao cinzel de Ciniselli as seguintes estatuas:

de *Ruth* hoje conservada em Glasgow,

de *Susanna* em Rottherdam,

de *Thamar,* bellissimo exemplar de estatua velada, artificio predilecto de muitos artistas italianos, em que por vezes elles se tem mostrado eminentes, mas que não é de todo isento de reparos até certo ponto justificados,

as estatuas da *Aurora* e da *Noite* em poder de M. Stanford.

«Em trabalhos a um tempo architectonicos e d'esculptura assignalou-se a actividade artistica de Ciniselli, com os projectos d'uma fonte monumental para Roma,

de um monumento a José Mazzini, que deveria levantar-se na cidade de Genova, projecto a que foi concedido um dos primeiros premios no concurso aberto para esse fim n'aquella cidade,

e finalmente do monumento ao marquez de Sá, sem contestação possivel, a mais alevantada concepção de Ciniselli, verdadeira corôa da sua carreira artistica, obra sentida, filha de uma sympathia tanto mais para agradecer e admirar, quanto brotava espontanea na alma de um estrangeiro.»

CORVETA AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Quantas glorias nos não recorda este nome escolhido pelo governo para denominar o novo vaso de guerra portuguez, construido nos estaleiros de *The Thames Iron Warks.*

Que o novo navio seja de tão rija tempera como foi o grande capitão de que tira o nome, é o mais que podemos ambicionar.

A nova corveta mede 205 pés de comprido por 33 de bocca e 16,6 de pontal; tem 1:200 toneladas, approximadamente, de deslocamento e a sua strutura é de ferro com forro de madeira e zinco.

As machinas são da força de 1:000 cavallos effectiva e de 1:400 forçada, dando no primeiro caso a velocidade de 12,4 milhas e no segundo 13,3. Estas machinas são de Humphrys Tennant & C.ª

Duas peças de 0,15 e cinco de 0,12 de calibre, de carregar pela culatra, montadas em reparos hydraulico-authomaticos de Vavasseur constituem o seu armamento, além de mais tres metralhadoras de Nordenflelt. Toda esta artilheria manobra facilmente, chegando a amplitude do tiro nas peças de 0,15, a ser de 170° permittindo o fazer fogo para vante ou para ré quasi em direcção parallela á quilha.

A corveta *Affonso de Albuquerque* possue magnificas accommodações tanto para commandante e officiaes como para o resto da guarnição, juntando a isto uma espaçosa praça d'armas e todas as mais depencias. É illuminada a luz electrica.

Ninguem ao vel-a por fóra faz idéa das grandes accommodações que este navio contém, pois o seu aspecto é ligeiro e delicado, parecendo que será bom navegador.

Á hora que os leitores lerem estas linhas já a corveta *Affonso de Albuquerque* singrará por esses mares fóra em direcção á nossa provincia africana de Angola, sob o commando do capitão de mar e guerra João Carlos Adrião.

O OCCIDENTE publicando hoje a estampa da corveta *Affonso de Albuquerque,* regista nas suas paginas mais um novo vaso de guerra portuguez, pratica que tem seguido com todos os navios de guerra portuguezes que se tem construido desde 1878 até ao presente.

O CENTENARIO DA MANUFACTURA DO ALGODÃO

Exposição Industrial, em Nova-Orleans

É hoje inaugurada em Nova-Orleans uma grande exposição industrial, promovida pela Associação Nacional de Cultivadores de Algodão, nos Estados Unidos, e auxiliada pelo governo d'aquella nação, para festejar o centenario da manufactura algodoeira.

Esta festa da industria americana foi planeada ha dois annos, no congresso annual que a referida associação celebrou em outubro de 1882, tratando logo de obter a cooperação do governo para levar á pratica o seu plano.

A gravura que damos a paginas 272 representa uma das edificações que para esse fim se construiram em Nova-Orleans, no local mais apropriado, proximo das estações dos caminhos de ferro e dos molhes de carga e descarga dos navios.

Para dar idéa d'esta grande exposição onde a industria americana exhibe os seus variados productos, bastará dizer que, além das construcções secundarias de annexos e pavilhões separados, de fabricantes, a exposição consta de mais seis edificios principaes como o que damos em estampa que occupa uma area de 225 metros de comprimento por 130 de largura, havendo outros de maior extenção.

Nova-Orleans é a principal cidade manufactureira do algodão na America do Norte, e estes productos são exportados para todos os paizes. A sementeira que, em 1883, fez de algodão, pesava tres milhões de tonneladas. Por esta sementeira se póde calcular a enorme producção dos differentes artigos extrahidos do algodão, ou sejam oleo, fibra de que se fazem os tecidos e casca que se emprega no fabrico de papel.

D. MANUEL CORREIA DE BASTOS PINA

BISPO DE COIMBRA, CONDE D'ARGANIL

(Concluido do n.º 213)

Por instancias do sr. Bispo Conde foi elle apresentado, por decreto de 8 de janeiro de 1870, Bispo Coadjutor e futuro successor do Bispo de Coimbra. Pouco depois (26 de março de 1870) deixou de existir o seu desvelado protector e dedicado amigo, legando-lhe exemplos d'uma vida illustre e de muita virtude; e no dia 31 de março foi eleito o sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina, Vigario Capitular *sede vacante.* O decreto pelo qual foi apresentado Bispo de Coimbra é de 12 de maio de 1870.

Finalmente foi sagrado Bispo de Coimbra o sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina em 19 de maio de 1872 (dia de *Pentecostes),* na sua propria Sé Cathedral, com tal esplendor e luzimento como não ha memoria d'outra solemnidade tão pomposa por semelhante motivo (1).

Foi numerosissima a concorrencia de pessoas de todas as classes a esta sympathica cerimonia religiosa, em cujos semblantes se divisavam signaes d'intima alegria. Eram coroados os desejos dos habitantes de Coimbra e de toda a diocese.

Na grande variedade d'assumptos, que prendem a attenção d'um vigilante prelado diocesano, uma das cousas que mereceram sempre especial cuidado e entranhada dedicação ao sr. Bispo Conde D. Manuel Correia de Bastos Pina foi o engrandecimento do seminario episcopal.

Este importante instituto de educação moral e religiosa da classe ecclesiastica tem-se elevado pelos perseverantes esforços do sr. Bispo Conde á altura de ser considerado o primeiro estabelecimento d'esta ordem em todo o paiz.

Além do escolhido corpo docente, composto de grande numero de professores distinctos, sendo muitos da Universidade e do Lyceu, podem apontar-se como perfeitos modelos a disciplina, o regimen interno da casa e a administração economica. A par da grande concorrencia d'alumnos que todos os annos alli affluem, e dos bons resultados geralmente obtidos, estão os progressivos melhoramentos materiaes devidos tambem á actividade e dedicação do sr. Bispo Conde.

Sendo vasto o edificio do seminario episcopal, mandado construir por um dos seus antecessores, o sr. D. Miguel d'Annunciação, tem-n'o achado pequeno e acanhado para as suas aspirações o sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina.

Elegantemente edificado um corpo annexo do lado oriental para residencia simplesmente dos ordinandos, foi construido ha pouco do lado occidental outro annexo da mesma traça, imitando ambos a architectura do edificio central e primitivo.

(1) Os Bispos de Coimbra têm o titulo de *Conde d'Arganil* por mercê d'el-rei D. Affonso V feita ao Bispo D. João Galvão.

«Na jornada d'Africa, de 1471, acompanhou D. João a el-rei D. Affonso com a pessoa, e ajudou-o com fazenda: foram fructos d'esta campanha as proezas d'Arzila, e Tanger, em que o Bispo se mostrou tão pontifice, como soldado, e el-rei por lhe agradecer estas finezas, aos 25 de setembro de 1472 lhe deu para elle e seus successores o senhorio e titulo de *Conde de Arganil.*» — Fonseca, *Evora Gloriosa* n.º 582.

N.B. Do *Livro Preto* consta que já tinha sido dado á Sé de Coimbra pela Rainha D. Thereza e Conde D. Henrique o *senhorio* dos castellos de Coja e Arganil. Vidè a noticia mais desenvolvida no *Instituto* vol. XIX, artigo de A. M. Simões de Castro, pag. 17 e seguintes.

N'este segundo ha um salão espaçoso, no qual se celebram com magnificencia as sessões d'Academia de Santo Thomaz d'Aquino. Foi imponente e grandiosa a sessão d'esta Academia em 25 de maio do corrente anno, presidida pelo actual Nuncio Apostolico, Monsenhor Vicente Vannutelli.

Um acontecimento notavel durante o governo do sr. Bispo Conde D. Manuel Correia de Bastos Pina foi a nova circumscripção diocesana, realisada em 1882. Tinha de luctar o illustre prelado com o descontentamento profundo, principalmente dos habitantes das cidades de Aveiro e Leiria, antigas capitaes de diocese annexadas ao bispado de Coimbra.

Muitos previam que seria difficil e assaz tardia a reconciliação. Não foi porém assim.

O sr. Bispo Conde com suas maneiras benevolas e attenciosas, em cujo caracter não ha fingimento d'affectos, mas a realidade da pura estima que parte d'um coração bondoso e d'uma alma bem formada, captivou desde logo a veneração e o reconhecimento dos seus novos diocesanos.

Ao mesmo tempo que lamentavam com magua e saudade a separação d'algumas freguezias que foram desligadas da sua diocese, e que ficaram pertencendo ás dioceses de Vizeu e Guarda, manifestava o seu sentimento pela perda da autonomia ecclesiastica que soffreram as cidades de Leiria e Aveiro passando para a sua jurisdicção espiritual e de seus successores. Despedia-se d'uns, e animava os outros, pedindo a estes que depositassem confiança no seu affecto paternal (1). E não foram enganados. Nas suas frequentes visitas tanto a Aveiro como a Leiria tem dado testemunho publico de quanto se interessa pela sua prosperidade, e pela conservação dos seus monumentos religiosos e institutos venerandos.

É egualmente objecto da sua solicitude pastoral a visita ás freguezias do seu bispado. Desde a sua sagração tem visitado em todos os annos grande numero de parochias, as mais remotas da sua séde, em muitas das quaes nunca fôra visto prelado algum da egreja conimbricense, e em todas tem sido recebido com demonstrações de respeito e de amor filial.

O sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina no espinhoso desempenho d'este dever não se importa com a falta de commodidades d'uma hospedagem menos confortavel; tudo lhe agrada, attende só ao conseguimento do seu elevado fim.

Os fructos tem sido optimos, taes como: cessação d'abusos, reconciliação d'inimizades politicas, louvores merecidos ao clero zeloso, censuras á relaxação dos costumes, respeito e obediencia ás auctoridades, incentivos para o culto catholico, edificação de novos templos, restauração dos arruinados, e muitas obras de caridade emfim com que o sr. Bispo Conde enxuga muitas lagrimas aos tristes e aos desvalidos da fortuna.

As solemnidades religiosas na sua Sé Cathedral, ás quaes ordinariamente preside, são pomposas e magnificentes. Transluz no seu semblante a satisfação que lhe vae no intimo d'alma quando vê nas bancadas da capella-mór muitos ecclesiasticos e grande numero de ordinandos seus dilectos, e a enorme concorrencia de fieis enchendo o vasto templo, como sempre acontece.

N'estas occasiões, e n'outras de regosijo, e sempre que as suas forças o permittem, os pobres das freguezias da cidade, os asylos de beneficencia e os presos da cadeia civil reconhecem a mão caridosa do virtuoso prelado diocesano.

Não protege partido algum politico. A sua politica é simplesmente a do Evangelho. Acatando as leis do seu paiz, respeita e manda respeitar os poderes legitimamente constituidos. No desempenho do seu ministerio pastoral antepõe a justiça a todas as considerações sociaes; é a norma do seu procedimento.

Nas suas muitas cartas pastoraes até hoje publicadas, escriptas em estylo claro e de suavidade evangelica, mas por vezes em linguagem vehemente e incisiva corrigindo abusos, encontra-se a confirmação dos grandes serviços que o sr. Bispo Conde D. Manuel Correia de Bastos Pina tem prestado á egreja e ao seu paiz.

«Se da fronte de cada bispo irradiasse tão pura e vivificadora luz, que alenta os corações de todos quantos conhecem de perto as acrisoladas virtudes do sr. Bispo Conde, a religião do Crucificado, firmada nos dois principios immortaes — o bem e a caridade — não teria nunca um unico descrente (2).»

(1) Provisão do sr. Bispo Conde de 30 de setembro de 1882, e Carta aos Arciprestes do Couto do Mosteiro, Sandomil e Santa Marinha.

(2) Trecho do *Commercio do Porto,* do seu correspondente de Aveiro.

* * *

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES, NO PORTO

Abriu-se no dia 31 de outubro a exposição triennal de bellas-artes promovida pela Academia Portuense, em conformidade com a lei porque se rege aquelle estabelecimento de instrucção artistica superior.

Estes certamens devem considerar-se mais como um meio de manifestação publica do aproveitamento dos alumnos que frequentam essa escola, do que um concurso das aptidões praticas de artistas já creados, se bem que lhes seja facultado o ingresso de quaesquer trabalhos ás referidas exposições.

Pareceria natural que perante essa permissão, a affluencia de obras de arte désse a nota evidente do nosso desenvolvimento artistico, mas aos desejos mais manifestos e á persistencia mais tenaz dos talentos que nos devemos gloriar de possuir, oppõem-se as circumstancias esmagadoras do indifferentismo publico e da desprotecção official.

É necessario insistir n'este ponto e dizer toda a verdade áquelles que por acaso andem offuscados com as apparencias illusorias de uma prosperidade que não existe.

A grande maioria do publico além de preoccupar-se pouco com questões de arte, traz o bom gosto embotado pelas noções falsas que lhe ministra uma critica insciente e meramente palavrosa, e assim em vez de dar o apreço devido a trabalhos que lhe aperfeiçoariam a educação por uma observação rigorosa e consciente, deleita-se perante futilidades erguidas ás eminencias de uma gloria ephemera pelo reclamo obsequiador, ou pela ignorancia temeraria.

Os noticiarios de uma parte da imprensa periodica, enthusiasmam-se com a longanimidade de uma adjectivação extraordinaria ao apreciarem uma obra de arte em que muitas vezes faltam as minimas qualidades de recommendação e não é difficil ver-se guindar á altura de obra prima irreprehensivel o que não mereceria sequer o reparo de um juizo competente e imparcial.

Não é raro ler-se a proposito de uma tentativa mais ou menos feliz de qualquer discipulo sahido recentemente das aulas de uma Academia o que nunca chegou a dizer-se dos grandes mestres e o publico, arrastado por esse delirio de adulação, curva-se reverentemente deante do que, para bem do seu espirito, lhe devia ter passado desapperceebido e ignorado.

É este o grande mal, que nem sequer póde ter a desculpa de incentivo, para os que constantemente procuram nas relações do jornalismo o que em meritos proprios difficilmente podem conseguir.

Por fortuna, que d'esta caudal furiosa de elogio quotidiano se separam de longe em longe, umas elaborações de critica digna, sensata, ellucidativa, mas essas raras vezes são lidas por aquelles que não ligam um interesse immediato a assumptos que andam afastados da preoccupação constante dos artigos que mais lhe dispertam o apreço.

Embora isso succeda, é um dever dos que luctam n'esta cruzada educadora, a persistencia nos fins louvaveis que teem em vista, porque só d'ella é que resultará uma verdadeira orientação do gosto imperfeito do publico para o que deve captivar-lhe a attenção e merecer-lhe a estima.

Depois da indifferença com que os artistas luctam, ha ainda uma outra causa que contribue para a vida mesquinha que arrastam. É a falta do estimulo que lhes poderia vir da facil venda das suas producções. Os amadores entre nós podem contar-se e melhor se contam ainda os que annualmente dispendem algumas centenas de mil réis na acquisição de obras de arte de proveniencia portugueza.

Um quadro cujo preço exceda oito ou dez libras arrefece o enthusiasmo mesmo das pessoas de fortuna, e como se o valor de uma tela devesse computar-se pelo seu tamanho, um quadro bom de alguns palmos, taxado por umas dezenas de libras, ao mesmo tempo que causa horror n'uns, provoca sorrisos chasqueadores de outros.

E é assim que muitos homens abastados preferem abarrotar as paredes dos seus aposentos com oleographias mirabalantes e lithographias irrisorias, a adornal-as com algumas pinturas em que, mesmo pelo lado economico, teriam garantido sempre o preço porque as compraram, quando até o tempo não o fizesse duplicar.

PORTUGAL PITTORESCO

EM CONDEIXA (Segundo uma photographia do sr. Carlos Relvas)

Quanto á protecção official, limita-se ella á sustentação de duas Academias e a mandar de cinco em cinco annos alguns artistas ao extrangeiro, os quaes ao fim d'esse tempo voltam ao paiz cheios de aptidão e de conhecimentos para verem reduzidas as suas esperanças e o seu talento, a pouco mais do que a pintar retratos para confrarias e a fazer modelos de carpideiras para mausoleus.

Creio que nem os governos, nem as juntas geraes dos districtos, nem os municipios se arruinariam com uma verba que annualmente votassem para a compra de obras de arte.

Lá fóra faz-se isso. O governo francez dispende todos os annos uma avultada somma em pinturas e esculpturas com que enriquece não só os museus, os jardins e os templos de Paris, como até os dos departamentos, e as municipalidades pela sua parte fazem outro tanto, quando não pensionam inclusivamente alguns moços de provada inclinação, para irem estudar á Escola de Bellas-Artes da capital e á Italia.

Entre nós até chegam a abrir-se concursos dispostos mais para afastar os nossos artistas de trabalhos para que seriam competentissimos, do que para mover-lhes a concorrencia, pelo modo curiosissimo como são formulados os respectivos programmas, resultando d'isso a intenconal contingencia de se recorrer a extrangeiros ignorados para virem erguer nas nossas praças monumentos de uma belleza e de uma correcção mais do que duvidosa, quando não se queira dizer attentatorios até das regras da boa arte.

E é assim que se protegem e se incitam no nosso paiz as artes plasticas.

Perante estes factos que hão de fazer os artistas? Deixar passar as occasiões em que se podiam apresentar, e conseguir algumas parcas economias da penuria de cada dia para de vez em quando poderem pintar um quadrosinho de pouco preço, ou modelar uma estatueta para adorno do atelier.

Estas considerações, como é bem de ver, veem a proposito da actual exposição.

Podem ellas ser taxadas de severas, mas não de injustas, porque foram ditadas com a consciencia despreoccupada dos factos e do meio em que vivemos.

E é com essas idéas e com o mesmo desprendimento que vamos fazer a analyse do certamen, ou melhor, transmittir as impressões que elle nos proporcionou.

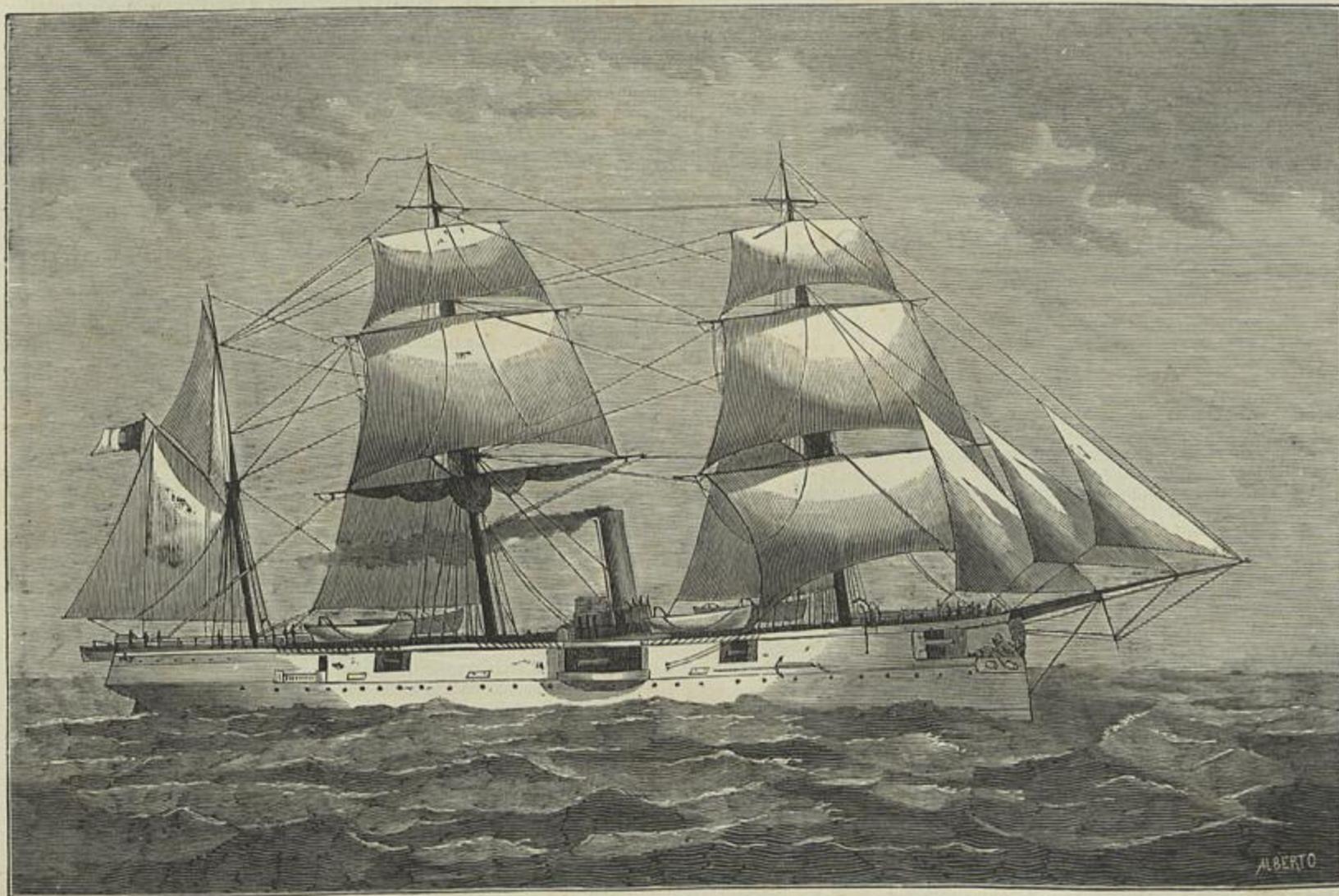
Não seremos agradaveis a todos, mas o que procuraremos é ser justos e sinceros por muito que nos peze mesmo pela amizade que nos liga a alguns dos expositores.

Porto, 11 de novmbro.

(Continúa)

M. M. Rodrigues.

JOÃO CINISELLI, AUCTOR DO MONUMENTO AO GENERAL MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA

(Segundo uma photographia de L. Tuminello)

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — A CORVETA AFFONSO DE ALBUQUERQUE (Desenho do natural por J. Dantas)

O INFANTE D. FRANCISCO

APRECIADO NA SUA CORRESPONDENCIA INEDITA

1726

(Concluido do n.º 212)

VI

Grandezas

Ao auctor José Ferreira, 40$000 réis, para a companhia (dramatica), *pela porta que teve franca no dia 25 de maio á contemplação da celebridade dos annos de s. a.* Ao mesmo por *um particular* que se representou no paço a 3 de julho — 40$000; mais 40$000 réis pela comedia representada no palacio da Bemposta em 20 de agosto, e 480$000 réis, por ajuda de custo a todas as pessoas que fizeram papel e são de presente ou foram já da companhia do mesmo Ferreira. Ao mestre de espada preta, D. José, conta de julho de 1725 a abril de 1726, a rasão de 9$600 reis por mez — 96$000 réis. Ao dr. Antonio de Monravan, catalão, pela despeza da impressão de um livro dedicado ao infante, com o titulo de *Breve curso da nova cirurgia* — 57$600 réis. Ao rabeca Ventura Furster de seus ordenados vencidos desde maio de 1723 até setembro de 1725, a razão de 12$500 réis por mez — por ter já recebido 120$000 réis — 242$500 réis. A outro rabeca, Alexandre Paguetly, de seus vencimentos de novembro de 1725 até o fim de junho, a razão de 18$000 réis por mez — 145$800 réis. Ao timballeiro João Pedro Thomaz, por conta dos seus ordenados desde janeiro de 1723 até o fim de abril de 1725, a razão de 12$500 réis por mez — 201$200 réis. Ao trombeta João Cod Priñs, ordenados vencidos de maio a dezembro de 1725 — 100$000 réis. Ao viola José Parizyi 28$800 réis, de ajuda de custo por alguma occasião que o occupou em seu serviço. Ao padre Francisco de Sande, para a impressão dos livros que estava compondo, 340$000 réis. Aluguer de cavallos que dera o estalajadeiro de Aldeia Gallega para o serviço do infante nos sabbados em que ia á Senhora da Atalaya desde julho de 1724 até o fim de dezembro de 1725 — 62$100 réis. De medicamentos para as cavalhariças desde agosto de 1725 a agosto de 1726 — 135$300 réis: era recommendado ao boticario que ficava por sua conta dizer aos medicos e cirurgiões que, ao fazerem as receitas, as jurassem aos Santos Evangelhos, pondo sempre a data do dia, mez e anno, e o nome da pessoa para quem era a receita, sem o que nenhuma seria paga pela fazenda do infante. Duas armações de cortinados de damasco e velludo lavrado carmezim franjado de ouro, 2 setteaes e 4 almofadas, o melhor de 20 para 22 mil cruzados. Aos mariolas da palha pelo trabalho de a recolherem n'este anno de 1726 nos palheiros da Côrte Real, Bemposta, Queluz e Samora Corrêa 335$000 réis. Merece tambem especial menção que nos annos de 1722 e 1723 a conta da ucharia na tenda foi de 581$374 réis, fructas 518$830 réis e hortaliças 422$230 réis. Finalmente, a despeza com as cabelleiras de s. a. tambem não era pequena como se mostra do documento seguinte:

Copia de uma carta do conde de Aveiras para o thesoureiro Francisco Xavier Curvo Semedo.

«S. a. que Deus guarde, ordena a v. m.cê que por qualquer dinheiro que tenha pertencente a sua real fazenda, pague a Bernardino da Fonseca e Sousa os 20$400 réis que constam pela portaria inclusa estarem-se-lhe devendo de oleo e pós dados para as cabelleiras do dito senhor em os mezes de abril, maio, junho e julho do corrente anno e por conhecimento de recibo assignado na mesma portaria se levarão a v. m.cê em conta os referidos 20$400 réis. — Deus guarde a v. m.cê muitos annos. Paço da Côrte Real, a 20 de agosto de 1726. — O conde de Aveiras, D. Duarte. — Sr. Francisco Xavier Curvo Semedo.»

Recorda-se porventura o leitor de que o fallecido jornalista Ribeiro Guimarães publicou, ha annos, no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, uma curiosa descripção do *palacio da freira*, que depois incluiu no tomo II do *Summario de varia historia*. Na clausura de Odivellas se erguia esse palacio, em que viviam Paula Perestrello e sua irmã Maria da Luz, rodeadas do maior fausto da epocha. Era lá que soror Paula e D. João V arrulhavam como dois pombos, fugidos ao bulicio do mundo e separados das invejas d'elle pela espessura das paredes de uma cerca. Os amores do rei, começados dentro do convento, passaram para fóra d'elle por motivos de decencia, ao que parece, e tambem por escrupulos de sua majestade. Eis como o sr. Camillo Castello Branco refere o caso na *Caveira da Martyr* (tomo I, pag. 48):

«Muito fizera ella *(a abbadessa de Odivellas)*, obrigando indirectamente o monarcha a edificar casa para Paula Perestrello, de modo que ella se passasse do mosteiro para lá. Porque até então o rei entrava pela portaria, demorava-se na cella da religiosa, e, ao sahir, dava a mão a beijar á prelada, que o seguia com as freiras mais auctorisadas até á porta. Perguntou-lhes o rei em uma d'essas retiradas o que iam fazer.

— «Vamos rogar a Deus pela vida de vossa majestade — respondeu a monja com solemnidade.

«Estremeceu D. João; entrou se de escrupulos, e nunca mais se serviu d'aquella porta. Mandou construir o passadiço, e adornar com os sonhados explendores de um sultão os aposentos de Paula e de sua irmã Maria da Luz.»

Se é certo que D. João V mandou edificar casa junto do mosteiro de Odivellas, do que em verdade não ha motivo para duvidar, é certissimo que D. Francisco não precisou de ter esse incommodo — comprou a casa já feita. As memorias e tradições da epocha guardam profundo silencio sobre o destino d'essa casa, mas por isso mesmo é licito conjecturar que teria o mesmo fim da do seu real irmão. A correspondencia do infante levanta uma ponta do véo em que se envolvem esse e outros mysterios que futuros escriptores virão a desvendar. Entretanto aqui está uma parte do decreto de 16 de março de 1726, pelo qual s. a. foi servido mandar pagar o preço da casa:

«O thesoureiro de minha casa, Francisco Xavier Curvo Semedo, ou quem pelo tempo adeante em seu logar servir, contribuirá mais ao dr. Domingos Raphael Diniz, procurador da fazenda d'ella, com a importancia de um conto e sessenta mil réis que mostra haver despendido de ordens vocaes minhas, a saber — oitocentos e sessenta mil réis por umas casas que lhe mandei se comprassem dentro da clausura do convento de Odivellas o anno proximo passado de 1725 — etc.»

Por tres vezes se allude n'este registo a D. Pedro, filho natural do infante D. Francisco: a primeira n'uma carta em que o conde de Aveiras recommenda ao conde estribeiro-mór um padre que tinha parentesco *com pessoa que assiste ao sr. D. Pedro;* a segunda quando se mandam dar 20$800 réis para haver de entrar no recolhimento de S. Christovão a ama que o criou; e a terceira, finalmente, a proposito do mestre que o ensinou a dançar, Diogo Blan.

Para a historia do palacio de Belem, acquisição e compra dos terrenos que compõem a quinta da mesma denominação, encontro os seguintes documentos, cujo teor, por me parecer curioso e ignorado, julguei tambem transcrever, ao concluir este estudo.

Copia de uma carta do secretario de estado para o conde de Aveiras.

«Havendo o sr. conde de Aveiras, João da Silva, offerecido largar a sua majestade a quinta em que vive em Belem, e tendo sua majestade resoluto mandal-a ajustar e algumas mais d'aquelle sitio, e entre ellas a de Pedro de Vasconcellos, que pela visinhança e poucos commodos da quinta do sr. conde de Aveiras se faz precisa para a acommodação da familia, e como da dita quinta se serviu algum tempo o sr. infante D. Francisco, me ordenou sua majestade que antes de falar-se a Pedro de Vasconcellos o participasse a v. ex.ª para o fazer presente ao mesmo sr. infante. Deus guarde a v. ex.ª Lisboa Occidental, a 12 de fevereiro de 1726. — *Diogo de Mendonça Corte Real.*

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 213)

VII

As questões de moralidade

Pactuaram então os dois não fazerem alarme d'aquelle desastre casual.

— A culpa foi da sua filha, disse Gilberto á mulher, e fique-me entendendo que hoje mesmo me não dorme em casa.

— Que queres tu fazer, Gilberto?

— É preciso um exemplo. Vae para casa da tia. Tu é que has de dizer-lh'o. Eu não quero vel-a porque não respondo por mim.

— Mas escuta, attende, as coisas não se fazem assim.

— Eu não quero saber como as coisas se fazem, quero saber como é que ellas se cumprem. Levante-se e é já fazel-a vestir e leval-a d'aqui para fóra. Eu mando buscar uma seje para a conduzir.

E como as creadas não apparecessem, elle foi á janella da cosinha chamar o creado.

Veio o rapaz lestamente com as botas na mão, e Gilberto foi-lhe abrir a porta da escada de que elle na vespera se servira para a desagradavel aventura em que se encontrou envolvido.

— Olha que me has de ir buscar uma seje.

— Sim, meu senhor. As suas botas aqui estão.

— Vá pol-as lá em cima.

O sol entrava em jorros amplos pela escada que parecia um ceu aberto, batendo na calva e rosto de Gilberto, de um modo que lhe fazia doer a vista

— O' patrão! exclamou o creado em ar de surpreza detendo-se a meio caminho.

— Viste alguma nuvem?

— Não, voltou elle. Mas que rasto de sangue é este pela escada acima?

Gilberto fechou a porta immediatamente revoltando-se contra a soalheira que lhe vinha agora assoalhar o caso da noite anterior.

— Então o senhor fecha a porta? perguntou de novo o creado. Abra se quer ver.

— Ora que tolice! estás ainda com olhos de dormir. Não vês que são nodoas de azeite?! Põe-lhe uma pouca de grede, e ámanhã lava a escada para teu castigo.

— O' patrão, olhe que não é azeite.

— Pois se não é azeite é vinagre, voltou Gilberto nada macio.

Pouco depois ouvia-se no quarto da menina um alto berreiro atroador. Gilberto passeiava no corredor.

As criadas passavam agitadamente do quarto da senhora para o quarto de vestir e d'este para a cosinha a contar tudo á Joanna.

Punham as mãos na cabeça, faziam gestos de grande espanto e mostravam-se possuidas de uma enorme sensação de terror cada vez mais recrudescente.

A cama de Gilberto era um sudario, os travesseiros eram uma lastima, a bacia do lavatorio um lago de sangue, as toalhas do mesmo modo.

— Isto foi grande novidade.

— Olé se foi! foi novidade muito grande!

E os guinchos nervosos da menina a contas com a mãe atroavam a casa.

D. Perpetua saiu da alcova a chamar o marido.

Gilberto appareceu á porta com impetos de leão.

— E' já para casa da tia, e d'ahi para um convento. Não quero mais vel-a, nem a sombra d'ella.

Queres alguma cousa para o almoço? perguntava D. Perpetua á filha.

Gilberto rugiu feroz:

— Nem uma sede d'agua, com esses mimos é que você a perdeu.

Uma hora depois mãe e filha entravam para o trem que o criado trouxera, deixando em casa uma sensação enorme.

Aquelle facto extraordinario e anormal, era como que a ponta do veu que se alevantava deixando adivinhar o grande mysterio que elle envolvia.

Gilberto não saiu esse dia do seu escriptorio, nem veiu á meza, nem desceu ao quintal, nem deu á bomba, nem trocou palavra com pessoa alguma.

Tinha o nariz inchado e levou o dia a pôr-lhe camasinhas de alvaiade diluida em alcool de trinta graus.

A mulher andava a chorar pelos cantos, e quando ia espreital-o ao escriptorio elle berrava-lhe.

— Vá-se embora, vá-se embora.

— Mas olha menino, que estás fazendo uma carrapata n'esse nariz, tu tens ahi para peras.

— Sr. conde de Aveiras, D. Duarte Antonio da Camara.»

Não se fez esperar a resposta, que tem a data do dia immediato e exprime bem a refinada galanteria d'essa côrte delambida, em que os homens, pela maior parte, viviam agrilhoados ás grades dos conventos, saboreando com delicias o doce das freiras alternado com olhares apaixonados e requebros peccadores.

Diz assim:

Copia da resposta do mesmo conde para o acima dito secretario de estado.

«Fazendo presente a s. a., que Deus guarde, a insinuação de sua majestade, me manda dizer a v. s.ª que da sua parte queira representar a sua majestade o quanto estimara n'esta occasião em que a quinta de Pedro de Vasconcellos, em que assistia, fosse sua, para a pôr aos pés de sua majestade e lh'a offerecer com a maior vontade, e que logo manda despejar o fato que ainda n'ella se acha, e ficar assim de todo mais prompta para o que sua majestade fôr servido. — Deus guarde a v. s.ª muitos annos. Samora Corrêa, a 13 de fevereiro de 1726. Maior amigo e servidor de v. s.ª — *O conde de Aveiras, D. Duarte.* — Sr. Diogo de Mendonça Corte Real.»

Copia de uma carta do conde de Aveiras para Pedro de Vasconcellos.

«O serenissimo sr. infante D. Francisco, que Deus guarde, sendo-lhe presente a carta de v. ex.ª, de 17 do mez passado, me ordenou lhe dissesse logo agradecia muito a v. ex.ª a attenção que com elle usava, e que já antecedentemente por aviso de 12 tambem do dito mez lhe havia sua majestade feito insinuar pelo secretario de estado que com o offerecimento da quinta de meu avô, o sr. conde João da Silva Tello, intentava ajustar mais algumas quintas circumvisinhas a ella; n'estes termos se serviu s. a. de determinar que sem dilação alguma se deixassem livres e desembargadas as casas de v. ex.ª pelo que tocava ao fato que n'ellas tinha e egualmente as bemfeitorias com que se achavam melhoradas para que sua majestade dispuzesse d'estas como fosse servido, e com v. ex.ª mandasse tratar o que melhor lhe parecesse, e torna s. a. a ordenar se repita a v. ex.ª a boa attenção em que lhe está a respeito do que tenho deixado de responder a v ex.ª, asssim pela jornada de sua majestade a Salvaterra como pelas multiplicadas occorrencias de embaraços que todos os dias estão sobrevindo, offerecendo-me sem embargo d'elles ao serviço de v. ex.ª com aquella vontade e veneração que devo. — Deus guarde a v. ex.ª muitos annos. — Samora Corrêa, a 16 de março de 1726. — Beija as mãos a v. ex.ª seu muito amigo e criado — *O conde de Aveiras, D. Duarte.* — Ex.mo sr. Pedro de Vasconcellos.»

Alberto Telles.

Architectos da Batalha e dos Jeronymos

(Continuado do n.º 212)

II

Na assignatura de Alexandre Herculano, desapparece o *o* final do appellido, que parece ser — *Herculan;* o — *Guilherme* de Guilherme de Azevedo é na assignatura — *Guilherm;* e assim quasi todos. Não admira pois que Boutaca fosse supprimindo na rubrica o *a* final.

O que me prova mesmo que elle era Boutaca é o modo como o designavam os contemporaneos: em 1514, vem notado na folha da despeza com os nomes de *boytaca, boyta* e *boutaca*; em 1516, escreviam *boytaqua* e *boutaqua*. Sempre o *a* final. Diz o sr. Brito Rebello que essa terminação em *a* poderia ter sida accrescentada pelos portuguezes como correctivo ao som aspero do nome extrangeiro; eu porém tal não posso admittir. Que o nome do architecto viesse a alterar-se com os annos, passada pelo menos uma geração sobre a morte d'elle, vá; mas immediatamente, com elle vivo e a dar-lhe a pronuncia e a escriptura exactas, não póde ser.

Quarta: — a prova mais forte, mais eloquente, mais decisiva, respeito á nacionalidade portugueza de Boutaca, vou fundal-a em razões tiradas dos pontos de vista mais elevados, mais transcendentes e mais infalliveis da philosophia artistica.

A pag. 46 do 3.º vol. do Occidente tinha eu escripto: *é intuitivo que só um portuguez illustre, nascido no meio fortemente oxygenado de enthusiasmos viris e grandes magnificencias, que então se respirava em Portugal; acalentado no berço pelos canticos altisonantes da nossa sublime epopeia maritima; crescido no exemplo frequente de excelsa dedicação, de strenuo valor, de nobres ambições, de legitimo orgulho, de poderio immenso, que formavam a base do viver de nossos avós: só esse, por um admiravel exforço do seu genial espirito, poderia dar forma e vulto na pedra á immorredoira série de portentosas façanhas, que, ainda hoje, são o nosso melhor titulo á consideração de extranhos.* Este argumento não obteve do sr. Brito Rebello as honras de um rebate; foi sem duvida julgado futil, destituido de peso, banal, insignificante. É todavia um poderosissimo argumente a provar a nacionalidade portugueza do delineador da maravilha dos Jeronymos.

Os que encaram a Arte pelo seu lado propriamente nobre e distinctivo; os que a consideram não como uma producção fortuita de meia duzia de cerebros especialmente organisados, mas como uma condição natural, regida como as outras por leis e regras fixas; os que a veneram como uma força, em vez de a desprezarem como um accidente, sabem quão indefectivelmente o meio geographico, a ethnographia, a tradição, a raça, o momento historico influem nas suas creações. Exemplos. O clima quente e ameno da velha Grecia, o seu territorio todo cortado em pequenas ilhas numerosas, a fertilidade spontanea da producção, a nitidez limitada e harmonica da sua orographia, a calma luminosa das suas aguas, o character todo rythmo e simplicidade dos seus formosos habitantes, originaram o classicismo; analogamente, as irrupções e as contendas sanguinarias da edade-média, a inquietação, a incerteza, o terror constante, a miseria horrivel dos povos, a ferrea arrogancia dos barões, o desgosto profundo da vida terrena e o fervoroso aspirar para uma outra de além-tumulo, o mysticismo exaltado a par o feudalismo intolerante, deram causa á formação exaggerada, irregular, originalissima, alanceada e sublime da arte medieval.

Nada em arte é filho do acaso: um livro é um corollario, um edificio uma equação

Em fins do seculo xv e começos do seculo xvi, os portuguezes desempenhavam a sua bella missão historica de navegantes e descobridores de mundos novos, a que os induziam as origens ethnographicas da sua formação, bem como a situação geographica do seu paiz. Descendentes a um tempo do celta, do arabe, do carthaginez e do romano, quer dizer, por indole bellicosos e aventureiros, conspirava para lhes aguilhoar e avolumar esses dois splendidos predicados a situação de Portugal na ponta da Europa. Para lá d'ella, o desconhecido a attrahil-os vertiginosamente... Foram, glorificaram-se, enriqueceram a patria, deslumbraram a Europa, pozeram-se em evidencia.

Que fez então a Arte? Encarregou-se de lhes perpetuar a memoria immarcessivel dos feitos gloriosos. Por isso appareceram os *Lusiadas* e appareceu o templo dos Jeronymos: duas epopeias rememoradoras do character nacional.

(Continúa) *Abel Acacio.*

RESENHA NOTICIOSA

Donativo. O sr. visconde de Daupias acaba de fazer ao Museu de Bellas Artes, que este anno abriu as portas ao publico, um donativo principesco, constando de onze quadros de auctores extrangeiros muito apreciados. Os quadros representam: *George XIV passando revista ao seu regimento de granadeiros,* A. Dumarescq; *Caridade,* Robert Fleury; *A agonia,* Ispaletto; *Na floresta,* Diàcque; *Familias protestantes arrastadas perante um tribunal de inquisidores,* A. de Senes; *Paisagem ao luar,* Gegerfeldt; *Henrique II e seus favoritos,* Chauvet; *Assassinos na noite de S. Bartholomeu,* Delaport; *Gata borralheira,* Katzenstein; *Episodio da guerra de Hespanha* (principio do seculo), e *Um mendigo tuniso,* Flameyer.

— Vá-se embora, mulher, deixa cada um com o que tem, com aquillo que Deus lhe deu.

Teve de faltar á repartição, facto que por estranho produziu uma verdadeira romaria de empregados a informarem-se do seu estado de saude.

Era volta e meia zás, traz na campainha.

O criado n'uma dansa, escada abaixo, escada acima, e Gilberto n'um phernesim a pedir que o deixassem, a dizer que não estava em casa para ninguem, a mandal-os a todos bugiar.

Ao fim de poucos dias, vieram da casa da mana do senhor dizer que a menina não estava boa.

Tinha adoecido de paixão pelo valdevino.

Ahi foi Gilberto e a mulher saber da filha e depois de alguns dias de andarem n'uma roda viva para cá e para lá, ahi voltam com ella para casa.

Era uma affecção do peito que se lhe havia desenvolvido subitamente.

Falava-se em levar a menina para a Madeira, em ir passar os mezes de verão para o campo, suscitavam-se mllhões d'alvitres.

D. Perpetua chorosa e inconsolavel clamava que lhe tinham matado a filha e que Gilberto havia sido o carrasco da menina.

Ora elle que se lembrava ainda do estado em que haviam posto o seu nariz, protestava.

Alcunhas é que não admittia.

Elle nunca fôra carrasco de ninguem, muito menos de sua filha.

N'isto decorreram mezes.

A doente nem já se levantava da cama.

Gilberto começava a experimentar remorsos, D. Perpetua estava como doida.

O medico chamou de parte Gilberto e disse-lhe:

— Eu já não sei o que hei de receitar á sua filha.

Acredito, doutor, acredito.

E a razão porque acreditava era porque sabia quanto as receitas do doutor lhe haviam custado, um dinheirão enorme, uma coisa louca!

E tinha de pagar todo o dinheiro de contado, porque remedios é que ninguem lhe dava de presente..

— Pois se a quer salvar, siga o meu conselho.

— O doutor, queira dizer.

— Case-a, case-a.

— Ora essa!

— E' o que lhe digo, concluiu o doutor. Banhos de egreja, bons bifes e melhor vinho do Porto. V. Ex.ª precisa de ser avô, e sua filha está em edade de lhe dar esse prazer.

Gilberto ficou passado.

Foi ter com a filha e perguntou-lhe:

— Tu apeteces alguma coisa, queres casar?

A menina levou aos olhos as mãos crispadas e transparentes e respondeu:

Não, senhor.

— Vê lá o que dizes, eu parece-me que o casamento não te fazia mal.

— Não, senhor, eu não caso.

— Muito bem, já aqui não está quem falou.

— Ora ahi está como são os medicos, disse elle, voltando-se para a mulher. O doutor a querer-me convencer de que a pequena o que precisava era casar-se, e ella a dizer que não, tu bem a ouviste. Ora n'esse caso quem ha de saber mais, ella ou o medico? Está visto que são uns charlatões.

— Pois eu acho que elle tem razão, Gilberto. Tu perguntaste-lhe se ella queria casar, mas não lhe dissestes com quem.

— Que tolice! Quem casa por um remedio não lhe toma o gosto, nem pode escrupulisar muito na escolha, quem é que procura para mulher uma pessoa doente, por amor já se sabe que não.

— Pois por amor é que justamente ella se quereria casar. Fala-lhe no...

— Não profiras esse nome, acudiu logo Gilberto, alterado.

Poz-se ponto na conversa.

Mas Gilberto ficou scismando, tristemente abatido nas palavras da mulher. Elle era pae, e n'esta situação que sacrificios não faria para salvar sua filha.

Se deixasse de esgotar todos os meios, se deixasse de empenhar todos os sacrificios, que remorsos lhe não resultariam para o futuro?

Desde esse momento Gilberto começou a comprehender que ser pae era um encargo sob o ponto de vista moral mais difficil a cumprir do que muitos julgavam.

Pois elle havia de consentir no casamento da filha com similhante valdevino? Quem poderia absolvel-o de similhante loucura?!

Ninguem, nem mesmo os que fossem paes.

Antes morte que tal sorte!

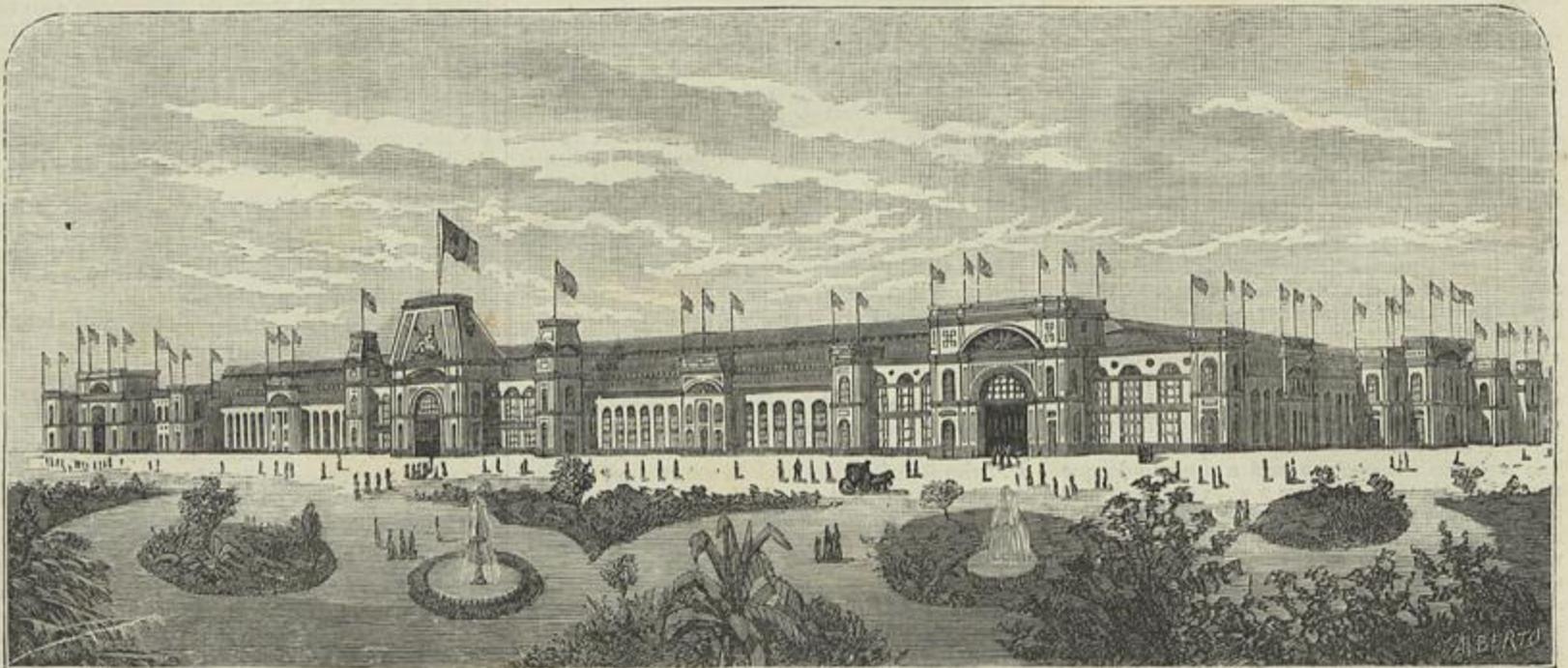
Mas a morte é negra para quem a vê deante dos olhos e para quem a presente approximar-se de um ente que nos é caro.

(Continúa) *Leite Bastos.*

O pescador Maio. Falleceu na Povoa do Varzim no dia 10 do mez findo, este bravo velho que era o Anjo salvador dos pobres pescadores da Povoa, e que tantas vezes arriscou a propria vida para salvar a do proximo. O pescador Maio teve a sua apotheose em 1881 por occasião da visita de SS. MM. á cidade invicta, e por essa mesma occasião o Occidente publicou-o seu retrato em uma significativa alegoria aos seus serviços humanitarios.

Quadro de Paulo Veronese. Ha cerca de um mez que o governo russo comprou em Londres pela quantia de cincoenta e quatro contos de réis, approximadamente, o celebre quadro de Paulo Veronese intitulado: *A adoração dos reis magos*. Este quadro está destinado a ser collocado na cathedral de S. Petersburgo, situada na praça onde foi assassinado Alexandre II.

A liberdade em França. Andam-nos ahi todos os dias a prégar com a republica franceza, a apregoar os seus beneficios, e os horrores da tyrannia que nos opprime; nós todos conhecemos isto, e os que vem de fóra tambem. Aquelles que conhecem algum tanto o nosso paiz exaltam a liberdade de que gosamos, como H. Martin, o sabio Wirchow, etc. Ahi vae uma amostra da liberdade franceza. O general La Hayrie, que commanda a divisão militar de Reims publicou, não ha muito tempo, a seguinte ordem do dia ás forças da sua divisão: — «O general da divisão encarrega os srs. commandantes dos corpos da 12.ª divisão, de castigarem rigorosamente todo o militar, a quem se encontrar qualquer periodico, dentro do quartel.» — E viva a liberdade franceza! Ora se os proprios generaes francezes prohibem a entrada dos periodicos nacionaes nos quarteis, que admiração deve causar que a Prussia e a Russia prohibam a entrada d'elles no seu territorio. Aqui ha tempos levantavam grande celeuma alguns periodicos portuguezes por um commandante de corpo ter prohibido a entrada no quartel respectivo a um certo destribuidor, no que obrou conforme o seu plenissimo direito, comparem agora os procedimentos de cá com os de lá.

Conferencia de Berlim. Realisou-se no dia 15 do mez findo a reunião de installação d'esta conferencia, que prende n'este momento as attenções da Europa. Como se sabe esta conferencia tem por fim regular os negocios relativos á navegação do Zaire, e os limites das colonias de cada estado europeu. Todos ou quasi todos os estados enviaram tres ou quatro ordens de representantes: os diplomatas, propriamente ditos; homens technicos (geographos, escriptores, etc.) legistas por causa das questões de direito, e homens praticos das regiões de que se trata. Era pouco mais ou menos o systema dos nossos antigos governos, e por isso a diplomacia portugueza, era uma das mais notaveis e respeitadas; no presente caso parece-nos que junto aos nossos diplomatas, faltam os assessores das ultimas duas classes, e isto póde trazer ás vezes alguns embaraços, porque só os homens da profissão se podem combater uns com os outros nas questões que se suscitam. Vae n'isto a honra e interesse do paiz e o governo não deve poupar esforços nem despezas, devendo até fazer publicar nos periodicos de todos os paizes artigos onde se mostre a justiça e direitos de Portugal, o que elle está disposto a *conceder*, e aquillo que fará com que elle se retire da conferencia. O paiz aguarda com viva anciedade noticias do que se passa nas sessões, e embora se diga que a Hespanha, a Italia, e a Hollanda, appoiam fortemente Portugal, e que a Inglaterra dera ordem ao seu representante para fazer o mesmo, não é isso sufficiente. A dignidade do paiz está acima de tudo.

O CENTENARIO DA MANUFACTURA DO ALGODÃO

Exposição Industrial, em Nova-Orleans

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Soneto de Camões «Alma minha gentil, que te partiste». O sr. Alfredo Brandão, do Porto, dezenhou á penna uma brilhante pagina ornamentada em que copiou o citado soneto do immortal poeta. O exemplar que recebemos é uma copia em phototypia do desenho do sr. Brandão.

O Instituto, *Revista scientifica e litteraria*, vol. XXXII, julho de 1884, segunda série, n.º 1, Coimbra Collaboram n'este numero os srs. José Maria Rodrigues, José Frederico Laranjo, Dr. Georg Winter, Joaquim d'Araujo, A. A. da Fonseca Pinto, etc. Os artigos principaes são: O positivismo e a moral, Economistas portuguezes, *Contributiones ad floram my cologicam lusitanicam*, Numero do «intermezzo», Santo Antonio dos Olivaes, Fala que o illustrissimo senhor reitor da Universidade, Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, fez ao excellentissimo senhor marquez de Pombal no dia 23 de outubro de 1772. Juramento que dá Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho pelos cargos de reitor e reformador da Universidade de Coimbra perante o illustrissimo e excellentissimo senhor marquez visitador, etc.

Vademecum telegrapho-postal, *ou resumo das disposições regulamentares mais necessarias a todas as pessoas que desejem servir-se do correio e do telegrapho*, coordenado por José Joaquim Henriques. É um folheto de 70 paginas e que constitue um verdadeiro guia para operacões de correio e telegraphos. Os pedidos podem ser dirigidos ao auctor, para Villa Nova de Foscôa, e o preço é de 400 réis.

Para os pobres. É o titulo de uma publicação unica feita pela commissão administrativa da Santa Casa da Misericordia da ilha de S. Thomé. Nas 16 paginas de que consta esta publicação, insere artigos em prosa e poesias variadas firmadas por diversos nomes, alguns d'elles conhecidos nas lettras. O fim d'esta publicação é obter alguns donativos para a Misericordia da Ilha de S. Thomé.

Almanach illustrado das horas romanticas. Está publicado este interessante almanach que entrou no duodecimo anno de publicação. Este anno vem enriquecido com quatro pequenos chromos reproduzindo costumes populares.

Almanach illustrado litterario e charadistico para 1885. Este almanach que faz a sua primeira apparição é collaborado por varias penas conhecidas tanto portuguezas como brazileiras, e dado á estampa pelo sr. José D. R. Tavares, de Estremoz. Fórma um volume de 250 paginas onde inclue, além de muitas tabellas de interesse e annuncios, uma desenvolvida parte litteraria illustrada com algumas gravuras.

Typographia Elzeviriana — Lisboa